

BENS IMATERIAIS DE MARECHAL DEODORO (ALAGOAS): CATEGORIAS PARA UM CATÁLOGO ICONOGRÁFICO

D. Vital

Aluna do Curso Superior de Tecnologia em Design de Interiores (CEFET-AL)
Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Design e Estudos Interdisciplinares (CNPq)
Bolsista do PIBICT/GPP/CEFET-AL
Rua Firmino de Vasconcelos, 288 Pajuçara CEP 57.030.290 Maceió-AL
E-mail: debvital@hotmail.com

J. L. Maia

Especialista em Design de Produto (UNEB)
Especialista em Metodologia para o Ensino de Projetos (CEFET-MG)
Arquiteto e urbanista
Prof. do Curso Superior de Tecnologia em Design de Interiores do CEFET-AL
Pesquisador do Grupo de Pesquisa Design e Estudos Interdisciplinares (CNPq)
Cj. Bosque Mundaú, Rua C, 36 Bebedouro CEP 57017-635 Maceió-AL
E-mail: jl-maia@uol.com.br

R. V. Gaia

Dr^a. em Lingüística (UFAL)
MSc. em Educação (UFPB)
Esp. em Literatura Brasileira (UFAL)
Jornalista
Prof^a. do Curso Superior de Tecnologia em Design de Interiores do CEFET-AL
Pesquisadora da Rede Alfredo de Carvalho, do Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo (GRUPECJ/UFPB)
e do Grupo de Pesquisa Design e Estudos Interdisciplinares (CNPq)
Rua 46, Qd. CG, lt. 13 Jd. Petrópolis I CEP: 57080-535 Maceió-AL
E-mail: rogaia@uol.com.br

RESUMO

Esta pesquisa, iniciada em janeiro de 2006, investiga o patrimônio imaterial no município de Marechal Deodoro em Alagoas, a partir dos princípios do design. Seu produto final será a construção de um catálogo iconográfico com base em categorias que representam o modo de ser, estar e agir da população deodorense, a saber: culinária, música, arte popular — que inclui o folclore e o artesanato —, eventos e personagens. A partir do levantamento já realizado dos bens imateriais, foi possível identificar as principais manifestações culturais do município e representá-las em forma de ícones, constituindo-se em fonte de referência para a construção da identidade local.

Palavras-chave: patrimônio imaterial – design – iconografia

1. INTRODUÇÃO

O município alagoano Marechal Deodoro foi tombado, neste ano de 2006, como patrimônio cultural nacional e está entre as 62 cidades protegidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Fundada no início do século 17, a cidade atualmente possui cerca de 42 mil habitantes. Já foi chamada de Povoação de Madalena de Sumaúna, Vila de Santa Maria Magdalena da Lagoa do Sul e Vila das Alagoas. A história do município remonta à época da colonização, quando os colonizadores portugueses estruturaram a comunidade para evitar o contrabando de pau-brasil na costa brasileira (Andrade, 2006).

Entre as justificativas apresentadas para esta decisão podemos destacar o vigor histórico que a cidade preserva não só em sua geografia física — prédios e ruínas datados do Brasil Colônia —, mas igualmente da sua geografia humana e cultural, o que traz sentidos históricos que podem ser visitados e compreendidos no local. Oficialmente, a cidade havia sido tombada pelo governo estadual em 1983, mas a homologação do tombamento nacional foi assinada somente este ano. Segundo registro na imprensa, “duas construções de valor histórico da cidade já tinham sido tombada pelo Iphan em 1964 - a Casa de Marechal Deodoro da Fonseca e o Convento e Igreja de São Francisco” (Andrade, 2006).

Macena (2006) observa que o

processo que culminou este ano com o tombamento de Marechal Deodoro começou a ser formalizado em 1995, quando a museóloga Célia Paiva passou a recolher assinaturas da população, a fim de encaminhá-las para a Superintendência do Iphan, então com sede em Aracaju (SE). Em 2002, o Iphan solicitou que fosse montado um dossiê com todas as referências culturais de Marechal Deodoro.

Segundo Edgar; Sedwick (2003), a cultura pode possuir significados diferentes a partir do contexto abordado. No contexto da antropologia cultural, a palavra “é o complexo mundo cotidiano que todos encontramos e pelo qual todos nos movimentamos”. Segundo os autores, o que define a cultura de um lugar é a habilidade do homem para construir e para utilizar a linguagem. A cultura popular possui um nível maior de compreensão pelo público e se caracteriza por apresentar maior apelo emocional podendo ser usada como forma de comparação com outro tipo de cultura ou mesmo como complemento dessa cultura.

Pensando assim o presente projeto visa caracterizar sob forma de ícones o patrimônio cultural da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas, Brasil, de modo a perceber seus aspectos particulares, estabelecendo a cultura popular ou os bens que compõem a sua cultura, como objeto principal do estudo e em fase posterior a disposição sob forma de produto, mais precisamente através da elaboração de Catálogo Iconográfico de Bens Imateriais.

2. DETALHANDO OS ÍCONES

Na pesquisa, foram identificadas como principais categorias que evidenciam a cultura de Marechal Deodoro: a Culinária, a Música, as Manifestações Folclóricas, o Artesanato, os marcantes Eventos e os principais Personagens. No momento estão sendo criados os ícones sobre os quais já foram concluídas as pesquisas bibliográficas. No processo de elaboração de alguns deles fizemos aplicação de questionários com deodorenses que participam ativamente da vida cultural na cidade. O sentido de cultura, neste estudo, traduz a forma de ser, sentir e agir das pessoas.

Para desenvolvimento dos ícones alguns critérios foram estabelecidos de modo a padronizar o trabalho e criar uma produção coerente, em que o resultado reflita uma organização visual integrada, harmoniosa e contextualizada. Os símbolos serão apresentados graficamente inseridos em quadrados limítrofes de 7cm lado, e serão definidos e elaborados a partir da técnica da superficialidade, segundo Gomes Filho (2003), a qual refere-se a “representação de manifestações formais vistas de maneira bidimensional ou chapada”.

Os pictogramas que representarão esses ícones deverão apresentar, plasticamente, uma releitura estilizada e contemporânea destes ícones e não a reprodução da imagem real – como captura a fotografia. Deverão também, apresentar caráter de simplicidade, aqui definida pela técnica de organizações visuais fáceis de serem percebidas e assimiladas, conforme Gomes Filho (2003), realizada através da sintetização e fragmentação, tomando como referências os bens imateriais de Marechal Deodoro.

2.1 O suspiro

São muitos os sentidos que a palavra suspiro encerram. Tentou-se traduzir em imagem uma delícia da culinária deodorense que por si só é ícone e que arranca o suspiro de quem a experimenta. A motivação inicial para idealização deste ícone foi rememorar o sabor, a partir da experiência única do ato de experimentar, e principalmente rememorar as suas formas e, nesse sentido, priorizou-se a organicidade inerente à sua plasticidade.



Figura 1

A imagem do suspiro, idealizada por Vital e Maia, tentou aplicar a categoria conceitual de arredondamento, ao estabelecer ênfase às linhas curvilíneas e ressaltar a suavidade típica da forma orgânica apresentada pelo doce.

Para complementarmos esta análise e definirmos o ícone, entrevistamos Maria Cícera Santos da Costa. Ela nasceu em Marechal Deodoro, no povoado de Massagueira, tem 38 anos, faz e vende suspiros. A doceira trabalha diariamente e seu local de vendas são as margens da AL-101-Sul, na entrada do povoado. Segundo relatou, aprendeu a fazer o produto com outras doceiras.

Sobre o segredo do preparo, ela sustenta que não existe. Os maiores compradores dos doces, segundo sua experiência, são os turistas, dado que se confirma pelo maior período de vendagem, de setembro a janeiro. O suspiro alagoano tem uma variedade a partir do ponto de batimento dos ingredientes, resultando em dois tipos de suspiro: com ou sem “chicletinho”, sendo este último o mais consumido.

2.2 A rabeca

O parâmetro para elaboração do ícone representativo da rabeca partiu da imagem do instrumento confeccionado pelo mestre e artesão Nelson dos Santos, popularmente conhecido como Seu Nelson da Rabeca. Ele tanto constrói como toca o instrumento e reproduz um som representativo da “cultura rural do nordeste brasileiro, englobando o baião, a marcha, o xote”, estilos contagiantes que animam vários eventos no estado. Domina “todos os processos de sua arte musical, do corte da jaqueira, da imbaúba, do mulungú e da gameleira, passando por todas as etapas específicas da construção de cada um dos seus instrumentos até a criação e interpretação de suas próprias composições” (Ribeiro, s.d.).

A rabeca do Seu Nelson possui a virtuosidade do som do violino e o músico, segundo Ribeiro (s.d.), “exprime-se por uma linguagem própria, fazendo uma música própria através da livre reinterpretação de fontes muito antigas que remontam às práticas medievais ibéricas, revelando aspectos inequívocos, mas nem sempre aparentes, de profunda erudição”.

Suas composições indicam sofisticação melódica a partir de “estruturas rítmicas elaboradas e métricas de grande inventiva, revelando claramente as fontes preexistentes a que se reportam, traduzidas, por exemplo, pelo uso sistemático de escalas modais, entre outros elementos formais da escola medieval européia” (Ribeiro, s.d.).

A ilustração a seguir detalha o processo de elaboração do ícone rabeca. A partir da imagem do instrumento, através do processo de fragmentação, escolheu-se um recorte característico e rico em simbologia e grafismo do bem simbólico. Logo após a escolha, verificou-se a possibilidade do uso do seu equilíbrio simétrico obtendo resultado satisfatório. A partir da decomposição da imagem, alcançaram-se alguns elementos visuais peculiares da rabeca, o rasgo sinuoso, os furos e as quatro cordas que compõem a sonoridade do instrumento.

Durante o processo de desenvolvimento, optou-se pelo descarte do rasgo, para afastar o ícone de uma semelhança visual com o violino, possuidor dos mesmos elementos. Foram enfatizados os furos circulares, ampliando-se graficamente seu diâmetro, assim como foram mantidas as linhas que representam as cordas.

No resultado final do ícone, pretendeu-se aumentar o interesse focal. Os elementos citados foram deslocados à direita, a fim de estabelecer composição assimétrica e resgatar o equilíbrio, através do contraste dos furos e da silhueta do instrumento conforme croqui abaixo.

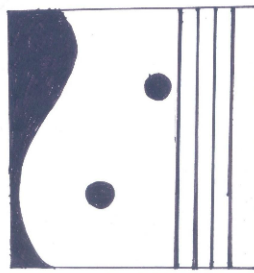


Ilustração 2

O ícone aponta uma composição harmônica formada a partir da junção de linhas curvas, mencionadas como demarcadora da silhueta e das linhas retas, estabelecidos pelos fundamentos sintáticos visuais do positivo e negativo segundo Dondis (1999).

2.3 A cocada

A cocada é reconhecida como um dos doces mais apreciados em Marechal Deodoro. Os ingredientes principais de sua composição são o coco e o açúcar-de-cana, fortes referências da região, tanto sócio-cultural como gastronômica. A familiaridade com os ingredientes e a simplicidade de sua produção podem ser a justificativa de seu sucesso e popularidade.

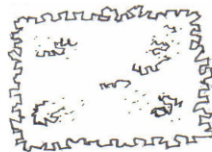


Ilustração 3

Os traços predominantes no ícone cocada remetem a forma quadrada do produto e se apropria da aspereza da textura, elemento visual que pode ser percebido tanto pelo tato quanto pela óptica.

Maria Cícera Santos da Costa além de vender suspiros, faz e vende cocadas, desde os treze anos e produz a 15 anos. O aprendizado do ofício, segundo registrou, foi com a sogra. Da mesma forma que não relata qualquer observação sobre o segredo do suspiro, silencia sobre a cocada. Além do uso do coco, com o qual produzem a cocada branca ou tradicional, as cocadeiras costumam utilizar outras frutas e ingredientes para diversificar o sabor, tais como leite, maracujá, abacaxi, amendoim, goiaba e coco queimado.

3. SIDERAÇÕES FINAIS

A meta final desta pesquisa, que está em sua etapa final, é a elaboração de um catálogo iconográfico sobre os bens imateriais do município de Marechal Deodoro. Este produto apresenta como principal alcance social, a garantia de registros icônicos que permitam indicar, a partir da própria observação dos moradores, um esboço de identidade cultural. Os ícones que formarão o catálogo precisam traduzir além da estética, a percepção visual dos bens, um dos desafios no desenvolvimento das idéias imagéticas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Juliana. Marechal Deodoro, em Alagoas, é tombada pelo patrimônio histórico brasileiro. **Tribuna de Alagoas**. <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2006/08/17/materia.2006-08-17.0486924278> 17 de Agosto de 2006. 14h39. Última modificação em 17 de Agosto de 2006, 18h44.

DONIS, A. Dondis. **Sintaxe da linguagem visual**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

EDGAR, Andrew; SEDWICK, Peter. **Teoria Cultural da A a Z: conceitos do mundo contemporâneo**. Trad. Marcelo Rollemberg. São Paulo: Contexto, 2003.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do Objeto. Sistema de Leitura Visual da Forma**. 5ª edição. São Paulo: Escrituras, 2003. p. 98

MACENA, Lelo. **Reconhecimento**. Gazeta de Alagoas.
<http://gazetaweb.globo.com/gazeta.Frame.php?f=index.php&c=1418>

RIBEIRO, Wagner. Encarte do CD **Nelson da Rabeca. Caranguejo danado**. Coleção memória musical. Maceió: SESC Alagoas, s.d.